

FRACÇÃO DE DINAR DE IBN WAZIR DE ÉVORA
INVOCANDO O EMIR ALMORÁVIDA ISHAQ IBN ‘ALI
(SIGNIFICADO HISTÓRICO E POLÍTICO)

M. Telles Antunes (*) e Adel Sidarus (**)

INTRODUÇÃO

Em meados do século XII, depois de quase meio século de domínio na Península Ibérica, a dinastia berbere dos Almorávidas declinava rapidamente, devido, entre outros, à progressiva ascensão, no Norte de África, do poder político-militar dos Almóadas: um agrupamento de tribos berberes, de origem diferente, mobilizados pelo movimento “unitário” e reformista do Mahdi Ibn Tumart. À semelhança do que aconteceu no século anterior, a seguir à queda do califado de Córdova, formaram-se vários estados independentes, ou semi-independentes, de tamanho e duração muito variáveis, até que os Almóadas alcançaram a hegemonia absoluta em todo o Andaluz. É o breve período das chamadas “taifas almorávidas” ou “segundas taifas” (CODERA, 1879).

No Extremo Ocidente do Andaluz, na zona que corresponde aproximadamente ao Portugal meridional de hoje, formou-se também um destes reinos ou principados. De início, entre os verões dos anos de 1144 e de 1145, foi sob a égide da figura carismática do místico silvense Ahmad Ibn Qasi, proclamado Mahdi em Mértola. A seguir, foi sob a chefia do caudilho eborense Sidray Ibn Wazir, com sede em Évora e Beja, tendo-se mantido, no meio de várias peripécias políticas, até a primavera de 1157 (*id.*, p. 33 - 52).

(*) Centro de Estratigrafia e Paleobiologia da UNL, Quinta da Torre, 2825 Monte da Caparica, Portugal.

(**) Secção de Estudos Árabes, Universidade de Évora, Apartado 94, 7001 Évora Codex.

Desde que LOPES (1910, p. 331-351) recolheu o essencial das fontes árabes sobre a matéria, não tem surgido documentação radicalmente nova (COELHO, 1989, p. 291-304; HUICI, 1956, p. 145-160; ENAN, 1964, p. 304-352). Mesmo a tão aguardada edição do manual de iniciação mística de Ibn Qasi não mudou em nada o panorama histórico (GOODRICH 1978).

Apenas os achados numismáticos das últimas três décadas - pois aquele período histórico parece ter sido o único a conhecer moedação luso-árabe - trouxeram elementos inéditos quanto à existência de várias cecas no Extremo Ocidente do Andaluz e bem assim quanto a certos pormenores da respectiva história política (FIGANIER, 1958; MARINHO, 1968 e 1985). A moeda que se dá a conhecer hoje, pertencente à colecção particular do primeiro autor destas páginas, vem trazer mais uma nova achega respeitante aos sucessivos laços políticos de dependência nominal que Ibn Wazir de Évora teve que tolerar para manter a sua autonomia efectiva no meio das conturbações políticas que sofreu o Andaluz de então.

Em relação a este patrício luso-muçulmano, em especial, há que referir a recente descoberta de uma inscrição lapidar de Évora, comemorativa de fundação, que veio trazer à luz um dado capital, até agora desconhecido, na sua carreira política (BORGES, 1987, p. 25-33). A menção do seu nome aparece precedida do duplo título de *al-Imam al-Mansur bi-(A)llah*, indicando claramente uma soberania absoluta.

O segundo título era já conhecido em moedas variadas com o nome exclusivo de Ibn Wazir (Vives nº 1913; Lapa do Fumo nº 12). Foi interpretado, no entanto, como se dissesse respeito a Ibn Hamdin de Córdoba, por este figurar com este título, juntamente com a nossa personagem, em certas legendas numismáticas, e “por não haver conhecimento de que Ibn Wazir tenha tomado tal laqab” (MARINHO, 1968, p. 33). Já CODERA (1899, p. 43, n. 1; p. 58, n.1) se mostrava menos céptico. Agora que a inscrição eborense veio fornecer a informação que faltava, deve rectificar-se aquela interpretação, como frisa correctamente BORGES (1987, p. 29, n. 12). De facto, com base em ambos os testemunhos documentais, pode afirmar-se, sem sombra de dúvida, que Ibn Wazir foi “rei de taifa”. E, considerando a cronologia global dos acontecimentos políticos da região (ver quadro anexo), este seu reinado deve ter vigorado, aproximadamente, entre Abril-Junho de 1147 e Janeiro-Março de 1151.

DESCRIÇÃO

Moeda de ouro pálido (Est. I e II), facto que, aliado à presença de fendas na periferia e à aparente perda de matéria do disco pela própria pancada do cunho, sugere liga de baixo teor. Não há vestígios de cerceio. Observada ao microscópio electrónico de varrimento (Centro de Estratigrafia e Paleobiologia da UNL) mostra uma estrutura

muito porosa, sugerindo trabalho metalúrgico grosseiro a temperatura relativamente baixa.

Dimensões (em milímetros): diâmetros, de 9.9 a 10.9; espessura, 1.0.

Peso (em gramas): > 0.79 (o peso não excederia muito este valor, nem talvez uns 10%).

Desvio dos eixos do anverso e reverso: 51 graus, aproximadamente.

Disco: elíptico ostentando, no anverso e no reverso, uma circunferência lisa envolvida por outra de grânulos, uns 3 a 4 por milímetro.

Composição: análise por dispersão de raios X com microsonda TRACOR em conexão com microscópio de varrimento JEOL 300 A do CEPUNL, efectuada pelo Prof. J.C.Pais, mostrou a seguinte composição ponderal - Au, 80.85 %; - Ag, 19.15 %, aproximadamente 19.4 quilates.

Proveniência: moeda adquirida no comércio, proveniente, segundo informação obtida, de antiga colecção reunida em Messejana. Terá sido encontrada, tal como diversas moedas de prata algo mais antigas (almorávidas) ou aproximadamente contemporâneas (das taifas almorávidas, inclusivé de Ibn Wazir) no castelo daquela localidade, e certamente no Baixo Alentejo.

Legendas:

Anverso		Reverso	
لا اله الا الله	(Profissão	ابن وزير	Ibn Wazir
محمد رسول	de	امير المسلمين	Amir Al-Muslimin
الله	Fé)	اسحق بن علي	Ishaq ibn 'Ali

A caligrafia é cúfica, com algumas particularidades. É de notar certo geometrismo, realçado pelo desenvolvimento de linhas horizontais. Por outro lado, e apesar da evidência de ressaltos, da descentragem e do arranque (aquando da batida ?) de parte da superfície do disco, pode reconhecer-se que o desenho é elegante, mesmo com ornamentação algo sobrecarregada. Há glóbulos puramente ornamentais, como no centro do anverso, ou nos extremos de letras como o Alif e o Lam. Pela exiguidade do campo, a caligrafia foi simplificada a ponto de o Ya estar reduzido a um glóbulo, e o Sin a um conjunto de três glóbulos dispostos em triângulo.

DISCUSSÃO

A moeda em estudo surpreende pelas seguintes razões:

— de Ibn Wazir eram conhecidas moedas de prata, mas até agora, que saibamos, nenhuma de ouro (nem de cobre);

— nem uma só das suas moedas invoca o soberano almorávida, o que também sucede com os outros chefes andaluzes da época;

— não parece condizer com a métrica habitual dos Almorávidas;

— destoa das cunhagens de ouro das taifas almorávidas, que continuam a seguir os mesmos padrões (Ibn Hamdin de Córdoba e Ibn Sa'd de Múrcia, por exemplo) até à implantação do sistema almóada;

— tem indubitável significado histórico-político, envolvendo relações de poder, alianças ou solidariedade de Ibn Wazir, na medida em que revela uma vertente até agora desconhecida.

Como se vê, o caso é profundamente original, justificando a discussão do ponto de vista numismático e histórico-político.

a) *Significado numismático*

O sistema almorávida comportava, basicamente, dinares com cerca de quatro gramas, de boa liga, muito apreciados, mesmo nos reinos cristãos. Disso é exemplo Portugal, onde a cotação chegou a ser bem definida, como vemos na Lei da Almotaçaria de 26 de Dezembro de 1253 (PINHEIRO/RITA 1983).

Muitos dinares almorávidas sobrevivem. O mesmo não pode dizer-se dos meios e quartos de dinar (BROOME, 1985, p. 146). LAVOIX (1891, p. 208, nº 532-533) cita apenas dois quartos de dinar de Sigilmessa em nome de Yusuf ibn Tashfin, contra numerosos dinares. Nenhuma fracção é recenseada por CODERA (1879), nem por VIVES (1893), salvo, talvez, as moedas de electro n.ºs 1849-50 (p. 302), em nome de 'Ali ibn Yusuf e do emir Sir.

A moeda em estudo, mesmo supondo o peso real algo superior, parece aquém do quarto de dinar, mas, consideradas as variações das pequenas moedas, não choca que o fosse. Será ainda menos motivo de surpresa se considerarmos as flutuações de critério em épocas de crise, económica e política, bem como a tradição no Andaluz. Durante as primeiras taifas, foram produzidas apreciáveis quantidades de fracções de dinar (reinos de Sevilha, Badajoz, Toledo, etc.), a par de (excepto Sevilha) poucos dinares. Estas fracções eram conhecidas; a moeda em estudo - que saibamos, única no seu género para a época que nos ocupa - surge como uma ressurgência ditada por necessidades e conveniências semelhantes.

As aparentes anomalias que representam as moedas de electro recenseadas por VIVES (vide supra) mostram que as havia desde, pelo menos, o reinado de 'Alí ibn Yusuf. Acrescentaríamos o caso de uma moeda de Fez, datada de 537, em nome do emir 'Alí e do sucessor designado, o emir Tashfín, a qual se encontra na colecção particular do primeiro autor da presente contribuição. Aparentemente, é de uma liga de prata forrada de ouro. É apresentada na própria legenda como dinar, fabricada com cunhos (bem gravados, mas o do anverso corroído, talvez por estar enferrujado) correspondentes e os mesmos módulo e desenho, apesar de pesar só 1.13 gramas, ou seja, cerca de 1/4 do peso normal. Estes exemplos são indícios de que a crise afectava as emissões monetárias.

b) *Data*

A data não consta, mas pode ser determinada com boa aproximação.

A referência ao emir almorávida Ishaq ibn 'Alí, enquanto *Amir al-Muslimin*, limita a datação, genericamente, aos parâmetros do seu reinado: último mês de 539 ou primeiro de 540/Junho-Julho 1145 e 18 Shawwal 541/24 Março 1147 (ver quadro cronológico).

A primeira data coincide aproximadamente com a ruptura de Ibn Wazir com Ibn Qasi. Porém, tanto as fontes históricas como os dados numismáticos referem, claramente, uma aliança entre Ibn Wazir e Ibn Hamdin de Córdoba, ulterior a esta ruptura. Deve ter-se mantido até a perda de Córdoba por este, a favor dos Almorávidas, em 12 Sha`ban 540/28 Janeiro 1146. Só a partir deste momento teria sentido cunhar moeda em nome do soberano almorávida.

Por outro lado, o Senhor de Évora e de todo o Sudoeste Peninsular teve de submeter-se aos Almóadas poucos meses após o seu desembarque no Andaluz em Muharram 541/Junho 1146, quer dizer, nove meses antes do fim trágico do reinado de Ishaq ibn 'Alí. Isto reduz consideravelmente o lapso de tempo no qual a moeda em apreço podia ser batida por Ibn Wazir invocando este soberano.

Ficam assim limitados os parâmetros cronológicos desta cunhagem ao período de nove ou dez meses que medeia entre Sha`ban 540/Janeiro-Fevereiro de 1146 e o 2º semestre de 541/Outono de 1146.

c) *Significado histórico e político*

Ibn Wazir governava Évora, ou pelo menos tinha uma posição de destaque nesta cidade, antes da rebelião generalizada contra o domínio almorávida, em 539/1144-45. Não lhe eram indiferentes as circunstâncias que minavam este império, cuja queda próxima era cada vez mais de prever e que a morte do emir Tashfín apressou. Aderiu, assim, ao levantamento político-religioso de Ibn Qasi, surgido no Ocidente do Andaluz.

Contudo, decepcionado com as atitudes do Mahdi, o caudilho eborense rompe com ele, antes de o vir a derrotar. Tenta a aliança tutelar de Ibn Hamdín, o outro protagonista da independência hispano-muçulmana, sediado na prestigiosa Córdoba. Mas este, por sua vez, é afastado do poder pelo governador almorávida do Andaluz, o célebre Ibn Ghaniya, cujas hostes recuperam posições no Centro e no Ocidente da Península. Além de Córdoba, cunham-se moedas de ouro e prata em nome do emir Ishaq ibn ‘Ali em Sevilha e Granada, pelo menos (Vives nº 1888-94). Os territórios que Ibn Wazir governava não tinham obviamente recursos suficientes para defrontar com êxito os norte-africanos e os cristãos agressivos, a Norte. No Magrebe, o movimento reformista dos Almóadas ainda não é vitorioso e nem deve entusiasmar muito o chefe luso-muçulmano.

Neste contexto global, não há lugar para proclamar a sua autonomia absoluta, invocando nas suas amoedações a soberania espiritual, teórica, e anónima, do califa de Bagdade, como fazia o seu ex-aliado Ibn Hamdín e continuam a fazer os outros “reis” do Oriente Peninsular (Vives nº 1903-5, 1920, 1926 ss.), na senda, de resto, da prática corrente dos próprios Almorávidas. Recorrerá a este procedimento (Lapa de Fumo nº 14-15), mais tarde, aquando da defecção generalizada dos caudilhos andaluzes em relação aos Almóadas e tendo o domínio almorávida acabado, de vez, no Magrebe (ver quadro cronológico). Para já, não há lugar para tal acto e ainda menos para se auto-proclamar soberano supremo, outorgando-se os títulos de *Imam* e de *al-Mansur bi-Allah*. Virá a fazê-lo a seguir àquela fase, de acordo com o que vimos a propósito da inscrição eborense, a confirmar os dados da documentação numismática.

O estadista cauteloso que é Senhor do Sudoeste andaluz prefere, antes, reconhecer a autoridade suprema, se bem que algo teórica, do soberano almorávida; invoca-o nas moedas que manda bater nos seus territórios, mas procede deste modo enquanto verdadeiro chefe autónomo. O seu nome aparece associado ao do emir, situação que não se verifica na numária almorávida, na qual jamais eram mencionados nomes além dos de dinastas e, eventualmente, de seus futuros sucessores. Facto também ímpar, que sabemos, no quadro da amoedação das taifas almorávidas.

CONCLUSÕES

1. Descreve-se, que sabemos pela 1ª vez, uma moeda de ouro cunhada por Ibn Wazir, senhor de Évora e de outras localidades no Andaluz ocidental: o que parece ser um quarto de dinar, de ouro pálido, com 80.85 % de Au e 19.15 % de Ag.

2. Neste numisma, aparece associado, igualmente pela 1ª vez, o nome de Ibn Wazir com o do último Emir almorávida, Ishaq ibn ‘Ali.

3. A moeda data de 540 AH (parte) a 541 AH (parte), no período correspondente aos primeiros nove a dez meses de 1146 AD.

4. A mesma sai dos cânones habituais das cunhagens dos Almorávidas, que raramente produziram submúltiplos do dinar, ou dos reis de taifas pós-almorávidas, que geralmente continuaram a utilizar o mesmo sistema monetário.

5. O facto indicado em 4., conjugado com a óbvia desvalorização da liga de ouro, devem ser reflexo da crise económica e política de então.

6. Nesta perspectiva, a moeda aproxima-se, pelo módulo e peso, das fracções de dinar das primeiras taifas.

7. O facto assinalado em 2., absolutamente inédito na numária almorávida e na das segundas taifas, revela uma faceta nova na carreira política sinuosa de Ibn Wazir, ao mesmo tempo que evidencia a sua clara propensão à independência, aliada a uma grande habilidade diplomática.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Prof. Dr. J.C.Pais a análise da moeda em estudo, efectuada no CEPUNL, e a Ana T.Antunes as fotografias.

BIBLIOGRAFIA

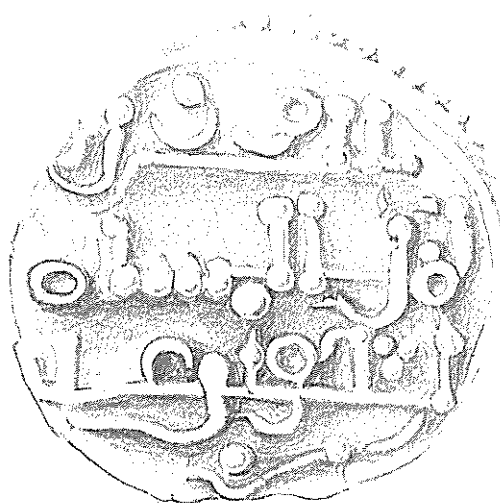
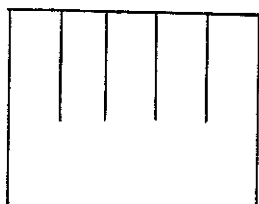
- BORGES, A. Goulart de Melo - "Duas inscrições árabes inéditas no Museu de Évora" *A Cidade de Évora* 67-68 (anos 1984-85). 1987, p. 21-32. 198.
- BROOME, M. - *A handbook of Islamic coins*. Seaby, London 1985.
- COELHO, A. Borges - *Portugal na Espanha Árabe*. 2^a ed. Vol. 2: *História*. Lisboa. 1989. (Colectânea de fontes árabes).
- CODERA Y ZAIDIN, F. - *Tratado de Numismática árabe-española*. Madrid, 1879 (Reimpressão, 1977).
- *Decadencia y desaparición de los Almorávides en España*. Zaragoza, 1899.
- ENAN/INAN, M. `A. - *Asr al-Murabitin wal-Muwahhidin fi l-Maghrib wal-Andalus*. Vol.1: *Asr al-Murabitin wa-bidayat al-dawla al-muwahhidiyya*. Cairo 1964. Lajnat al-Ta`lif. 1384 H. (Sobre os Almorávidas e os princípios da dinastia almóada).
- FIGANIER, J. - "Moedas árabes do século XII encontradas no Concelho de Sesimbra". *Anais. Academia Portuguesa de História* 2^a série Vol. 8 p. 161-195, 1958.
- GOODRICH, D.R. - *A Sufi Revolt in Portugal. Ibn Qasi and his "Kitab Khal' al-na`layn"*. (Tese de doutoramento, Columbia Univ., Nova Iorque 1978).
- HUICI MIRANDA, A. - *História política del Imperio Almohade*. Vol. 1. Instituto General Franco de Est. y Investig. Hispano-Árabe; Ed. Marroquí. Tetuan 1956.
- Lapa de Fumo n°* = Colecção descrita em FIGANIER 1958 e MARINHO 1968.
- LAVOIX, H.- *Catalogue des Monnaies musulmanes de la Bibliothèque Nationale/ Espagne et Afrique*. Paris 1891 (Reimpressão 1977).

- LOPES, David - "Os Árabes na obra de Alexandre Herculano, IV", *Boletim da 2ª Classe, Academia das Ciências* Vol. III/4 p. 323-377, Lisboa 1910.
- MARINHO, J. Rodrigues - *Moedas muçulmanas de Beja e Silves. Um achado monetário no Concelho de Sesimbra*, Câmara Municipal, Sesimbra 1968.
- "Moedas de Ahmad ibn Qasi batidas em Silves". *AP 4ª série* Vol. 3 p. 177-196. 1985.
- PINHEIRO, A. / RITA, A. (trad.) - *Lei da Almotaçaria*. Banco Pinto & Sotto Mayor, Lisboa 1983.
- Vives n°* = Catálogo de moedas de VIVES Y ESCUDERO 1893.
- VIVES Y ESCUDERO, A. - *Monedas de las dinastías árabe-españolas*. Madrid 1893 (Reimpressão 1978).

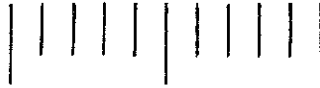
Quadro Cronológico: Ibn Wazir de Évora e as Taifas Almorávidas no ocidente do Andaluz

DATAS		ACONTECIMENTOS
Hégira (AH)	Cristã (AD)	
539, Safar/Rabi' I	1144, Ago./Set.	Mértola é tomada aos Almorávidas pelos adeptos de Ibn Qasi (IQ), o qual é proclamado Mahdi. Segue-se o levantamento de Ibn Wazir (IW) em Évora e de Ibn al-Mundhir (IM) em Silves. Ambos conquistam Beja por conta de IQ.
Rabi' II	Out.	IW e IM juram fidelidade ao Mahdi de Mértola e recebem dele, respectivamente, o governo de Beja e de Silves com seus territórios.
Jumada I	Nov.	Durante a campanha de IM contra Sevilha, IW é encarcerado em Mértola e substituído no governo de Beja por Abu Talib al-Zuhri (nome agora identificado por A. S.).
Jumada II	Dez.	IW é libertado e volta ao governo de Beja. Uns tempos mais tarde, terá juntado Badajoz aos seus domínios «alentejanos».
5 Ramadan	1145, 3 Mar.	Proclamação em Córdova do cadi da cidade, Ibn Hamdin, como soberano supremo. IQ envia tropas comandadas por IM e Ibn al-Qabila, com o intuito de ganhar os cordoveses à sua causa.
27 Ram. (Jayla)	24-25 Mar.	Morte do emir almorávida Tashfin Ibn 'Ali. Sucede-lhe o filho Ibrahim, ainda criança, por 2-3 mescs. A este sucede o tio, Ishaq Ibn 'Ali, o derradeiro dinasta almorávida.
Shawwal	Abr.	Na sequência do falhanço da aventura cordovesa e da notícia da morte de Tashfin, IQ convoca os seus «vassallos»; IW recusa comparecer. Despachado contra ele, IM é derrotado e encarcerado em Beja. Deve ser por esta altura que IW rompe com IQ e reconhece a autoridade suprema, se bem que nominal, de Ibn Hamdin de Córdova.
539 (finais)/ /540 (princípios)	Mai./Ago.	IW conquista Silves e Mértola, e põe fim ao reinado mahdista de IQ, o qual vai ao Norte de África procurar apoio dos Almóadas.
540, 12 Sha'ban	1146, 28 Jan.	Ibn Hamdin é expulso de Córdova pelo almorávida Ibn Ghaniya. A sua aliança com Afonso VII, com o intuito de recuperar a capital andaluz, não dá fruto.
541, Muharram	1146, Jun.	Chegada do primeiro exército almóada à Península, acompanhado por IQ. Mértola e Silves são reconquistadas a IW e entregues a IQ, que governará doravante a partir de Silves. Depois da sua submissão, IW consegue permanecer no governo de Beja. O mesmo acontece com Ibn 'Ali al-Hajjam, que conserva Badajoz, entretanto arrebatada a IW.
Sha'ban	1147, Jan./Fev.	Conquista de Sevilha pelos Almóadas, com a participação de IQ, IW e outros chefes andaluzes.
Ramadan	Fev./Mar.	Delegação andaluz sai para o Norte de África.
18 Shawwal	24 Mar.	Conquista de Marraquexe e fim da dinastia almorávida com a morte de Ishaq ibn 'Ali.
541 (finais)/ /542 (princípios)	Abr./Jul.	Expulsão dos Almóadas de Sevilha e levantamento generalizado contra eles em Marrocos. Segue-se a defecção dos caudilhos andaluzes, os quais se declaram independentes. Pouco mais tarde, IW deve ter-se proclamado soberano supremo.
542, Jumada I	Out.	Conquista de Lisboa pelos cristãos. Parece ter havido um pedido de auxílio dirigido a IW pelos seus correligionários.
543	1148/49	Chegada à Península do 2.º exército almóada (?). A situação das regiões de Gharb al-Andalus, quanto à autonomia, parece continuar sem alteração.
545 (finais)/ /546 (princípios)	1151 (1.º Trim.)	O califa almóada intima os chefes andaluzes a prestarem-lhe homenagem em Salé. IQ não obedece e procura aliar-se a Afonso Henriques.
546, Jumada I	Ago./Set.	IQ é assassinado em Silves e substituído por IM. Pouco depois, com a anuência dos Almóadas, IW conquista Silves e depõe IM.
549	1154	IW vai a Marraquexe prestar homenagem ao califa almóada e pedir-lhe reforços para melhor resistir aos avanços cristãos nos seus domínios.
552 (2.º bimestre)	1157 (primavera)	Na sequência da tomada pelos Almóadas dos encraves rebeldes de Tavira e Mértola, IW deixa o governo do «Algarve» e serve os Almóadas a partir da capital sevilhana.
566 (princípios)	1170, Out.	Ainda neste ano, IW participa no famoso cerco berbero-castelhano de Badajoz, então nas mãos de Afonso Henriques e Giraldo Sem Pavor.

ESTAMPA I



Fracção de dinar de Ibn Wazir: em cima, anverso, Profissão de Fé; em baixo, reverso, Ibn Wazi(r)/ Amir al-Muslim(in)/ Ishaq ibn 'Ali. Desenhos à câmara clara com microscópio binocular Wild M5. Escala comum, x 6.5. Des. de M. T. Antunes.



Fracção de dinar de Ibn Wazir: anverso (à esquerda) e reverso. Escala comum, x 4.
Fotografias de A. T. Antunes.

